

## **Histórias que (re)criam Mossoró: Identidade “costurada” a partir de discursos transmitidos pelo Auto da Liberdade.**

Vânia Juçara da Silva- Graduada História Licenciatura-UFRN

Elyinaldo Gonçalves Dantas- Mestrando História-UFRN

**RESUMO:** Essa artigo promove uma discussão sobre questões que norteiam a emergência de uma “ideia” de identidade mossoroense através de uma festa específica o “Auto da Liberdade” e suas relações com a produção espacial e a tradição histórica da cidade, dos mecanismos que geram sentimentos de pertencimento na produção dessa identidade, demarcando territorialmente uma cultura específica. A festa em questão é celebrada todo ano e conta a História da cidade de Mossoró, através dos seus principais eventos, tidos como definidores da região e que evidenciam o pioneirismo e o caráter libertário desta cidade que se intitula “país”. Existe, pois um uso da memória para a construção da identidade de Mossoró. Me proponho compreender como o Auto da Liberdade enquanto discurso específico, costura uma História e uma identidade para Mossoró, um "sentido" e como seus sujeitos se sentem membros de um “país”, o país de Mossoró, percebendo como se dá a apropriação de sua história pela população local e como esta constrói imagens sobre si, a história é aqui tomada como aporte nesse processo, (re)atualizando identidades de um espaço, território claramente demarcado, seja por fronteiras geográficas seja por fronteiras culturais.

Palavras Chaves: Festa, Identidade e Mossoró.

### **(Auto)Biografia de uma cidade**

Na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte todo ano é celebrado o Auto da Liberdade, um evento que já faz parte do calendário social e mental do povo mossoroense. Ocorre todo ano nos dias que precedem o 30 de setembro celebra os quatro fatos que remontam ao pioneirismo da cidade em questão que são: a expulsão do cangaceiro Lampião e seu bando da cidade de Mossoró pela população local; a primeira cidade do país a libertar os seus escravos em 30 de setembro de 1883; o primeiro voto feminino da América Latina pela mossoroense Celina Guimarães e o Motim das Mulheres, que foi um movimento contra o alistamento obrigatório dos jovens na cidade após a Guerra do Paraguai.

Esses fatos são encenados, através de um espetáculo teatral, que desde 1998 vem ganhando conotações de festa popular, que além de divertir a população tem também a função didática de ensinar a história de Mossoró, fazendo com que sua população valorize seu passado e sua memória.

Conforme nos diz o Professor José Lacerda Alves Felipe, em seu texto "Festa e poder político", *o Auto é uma repetição teatralizada do passado, para firmar numa sociedade específica, uma memória, inserindo todos numa ação coletiva*, (FELIPE, p. 47) em que os antepassados, através de seus feitos e exemplos podem influenciar a ação do presente, e assim produzirem discursos que elaboram o "ideal mossoroense", baseados em atos heroicos e revolucionários.

Essa festa congrega ao mesmo tempo emoções e expectativas de um público que durante todo ano visualiza esse evento como uma "celebração de suas grandes conquistas" sob a forma de festa. Analisando mais profundamente, percebemos que esse "ritual anual de celebração mossoroense" nada mais é do que a afirmação e (re)atualização da identidade de um povo, um mecanismo utilizado pelas elites políticas locais como forma de legitimação e dominação de determinados valores e identidades e de sua manutenção dos privilégios.

O Auto da Liberdade está inserido dentro de um evento maior que é a Festa da Liberdade que marca a conquista de várias "liberdades" na cidade de Mossoró, como por exemplo a liberdade da mulher mossoroense, de estigmas e papéis sociais que a deixavam como uma categoria a margem da sociedade brasileira e a encenação do "Motim das Mulheres" e o "Primeiro voto feminino" vão servindo para esse ideal, assim como a luta pela liberdade, que com coragem conseguiram expulsar o cangaceiro Lampião e seu bando de seu território, evidenciam a bravura do povo mossoroense.

A celebração da liberdade mossoroense é orgulho para a população local, que se vê no centro de um pioneirismo histórico que é reforçado por discursos que legitimam tal assertiva. Mossoró então penetra em um passado cheio de glórias, construindo assim um "sentido", através de uma memória que fortalece a imagem de "Terra da Liberdade". Esse discurso, apoiado nas artes e na história oficial, se torna um discurso forte na construção da identidade desse povo, como sujeitos da resistência, onde o papel da cultura, que é instituído à Mossoró, se reflete não apenas no espetáculo Auto da Liberdade, mas também na encenação do "Chuva de Balas no país de Mossoró", que é um outro espetáculo que encena a expulsão do cangaceiro Lampião da cidade de Mossoró, sendo realizado no mês de julho próximo a festa de São João da cidade.

A apropriação dos lugares públicos, como o Memorial da Resistência, bairros, onibus e prédios público também vão definindo a história de Mossoró e demarcando a presença da família Rosado, é comum bairros em que seus nomes são associados a ideais de liberdade e a História de Mossoró, como por exemplo os bairros da liberdade e Abolição.

Partindo dessas informações sobre o Auto da Liberdade, pretendemos compreender até que ponto esse evento consegue atingir identitariamente seus habitantes, seus espectadores, compreendê-lo enquanto um discurso em forma de festa, que com músicas, imagens, gestos e uma alegoria da história de uma cidade, através de seus rituais, cria um ambiente propício a uma participação coletiva programada e demarcada espacialmente, construindo conceitos e ideias, assimilados pela população como elementos constituidores de sua identidade, para isso é essencial desconstruir a ideia de uma identidade hegemônica e padronizada, mas sim compreendê-la enquanto produto de uma série de mecanismos utilizados para definir o ideal do que é ser mossoroense.

A relação entre o Auto da Liberdade e Poder Político de Mossoró foi trabalhada pelo Professor José Lacerda Alves Felipe, em seu texto “ Festa e poder político”, onde ele analisa as relações entre festa e poder político na cidade de Mossoró, enfatizando o papel da família Rosado na organização desta festa e as implicações sócio-espaciais desse evento. Para isso ele faz uma reflexão sobre o processo de enunciação da festa, a utilização de mitos e da história para manter o domínio de uma organização familiar há mais de 50 anos na política da cidade de Mossoró.

Ele faz uma incursão pelos reflexos do Auto da Liberdade no território mossoroense e a utilização destes pela família Rosado, que criam um culto à liberdade se apropriam da memória para se projetarem como guardiões do passado para fins políticos, analisa a cidade enquanto geografia de uso político através da cartografia de seus bairros, monumentos, geografia sustentada por fatos da história com nomes de heróis da cidade. Reflete também sobre como a festa afeta o cotidiano dos mossoroenses, suas emoções, suas mentes, insere todos numa ação coletiva que liga o povo aos seus heróis elegíveis, impondo permanências sociais, cuja essência da festa pode ser compreendida como luta pelo poder, onde os governantes e heróis guardam e defendem seu território de inimigos externos. Para ele o grupo político familiar aparece como sendo um dos

principais atores do espetáculo teatral, pois seus membros elegem “santos” e os “altares” na história recontada de um lugar.

A partir de seu texto podemos compreender como os Rosados, passam a ideia de que são guardiões da memória de um povo, impondo relações de pertencimento através do conhecimento de sua história e por sentidos que os fazem sentirem-se membros de um mesmo grupo. A cultura passa a ser utilizada por essa organização familiar como arma de dominação, em que a criação imagética do País de Mossoró foi uma das formas encontradas pela família Rosado para dominar politicamente a região.

A Professora Amélia Cristina Alves Bezerra, em seu texto “Festa e cidades: entrelaçamentos e proximidades” faz uma análise sobre o papel das festas e as formas de afirmação de singularidades, sendo reinventadas e espetacularizadas, afetando a dinâmica espacial destas cidades. Ela analisa a relação festa-identidades para pensar a cidade, tendo como referência empírica a cidade de Mossoró. Faz um estudo sobre o processo de transformação das festas em grandes eventos, realizados pelo poder público local, marcando uma tendência contemporânea de mercantilização das festas. Analisa a “dimensão identitária” das festas na produção de relações hegemônicas, tendo o poder de mobilizar e forçar identidades a nível sociogeográfico, trabalhando de perto ou de longe a identidade social para isso faz uma relação entre identidades territoriais e a memória nas relações de poder, o que vem a ser lembrado ou esquecido nessas celebrações. Compreende a festa enquanto representação da cidade, produção de uma imagem e na conformação de uma identidade numa conexão entre passado e presente. Ela estuda a dinâmica sócio espacial em Mossoró na última década, tal como formas de se pensar a cidade e a festa em Mossoró, principalmente no que concerne aos bairros, como cada um recebe a influência das festas.

### **Festa, Memória e História.**

É nesse sentido que se dá a apropriação da História Oficial pelo Auto da Liberdade com a finalidade de produzir um sentimento de ser membro de um grupo, através de um passado em comum, que buscam em sua história a fonte de orgulho e representação do ideal de um povo, como por exemplo no caso do Motim das Mulheres, que é um dos quatro atos da peça e que celebra esse pioneirismo feminino, pois em qual outro lugar mulheres saíram as ruas, rasgando cartazes em igrejas, em confronto corporal

com a policia, batendo panelas e colheres de pau para defender seus maridos e sendo caracterizado pelos jornais da época, como por exemplo "O Mossoroense" como um dos movimento mais esdruxulos no Rio Grande do Norte, pois embora em outras cidades também tenham ocorrido esses levantes contra a nova lei do alistamento, somente na cidade de Mossoró as mulheres participaram exclusivamente, não existia homens no seio do movimento, somente mulheres.

Assim sendo há um uso de um recorte da História Local, com a apropriação de suas características mais positivas, para definir o ideal da mulher mossoroense, como forte, valente, sem medo das opressões, a frente do seu tempo, que sai de suas casas para defender seus maridos.

A festa em questão tem se apropriado da memória para afirmação de uma cidade enquanto resposta aos caos identitário presente nos dias atuais. É uma espetacularização de uma "identidade", de um discurso que caracteriza um território demarcado, seja cartograficamente ou culturalmente. Ela transforma a história em "Patriômônio da cidade", a ser valorizado assim como os referenciais de liberdade e coragem que são tão bem trabalhados pelos produtores do evento.

Assim sendo é importante celebrar essa história, apropriar-se da memória que através desse evento cultural grandioso conduz a população a voltar à suas origens, é um espaço que congrega, na mesma temporalidade passado e presente, produzindo emoções, é a materialização da memória idealizada, interessada e indereçada, que pode ser compreendido pela perspectiva do que Pierre Nora chama de "Lugares de Memória" que apreciado pelos discursos das identidades deve ser compreendido como um discurso mais cultural do que político e que tem na tradição mitológica da cidade a produção de mitos e heróis que devem sempre ser celebrados, enaltecendo a identidade da cidade em questão.

Nesse discurso são eleitos heróis que devem ser lembrados, cria-se um imaginário social com a mitificação de alguns "elegíveis" e ocorre uma (re)significação nas formas de celebrar o passado da cidade de Mossoró, com a função de cativar o que as festas cívicas de conotação política não mais cativavam, passa de um evento com caráter cívico para um grande evento festivo, com atrações musicais, cuja direção do espetáculo fica a cargo de diretores de renome nacional. Isso revela um caráter "patrimonialista"

dado ao mesmo, um "Lugar de Memória" devido a essa importância que lhe é atribuída.

Para Nora esses "Lugares de Memória" em seu texto " Entre Memória e História: a problemática dos lugares" *nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada faz mais do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória(...) Mas se o que eles defendem não estivessem ameaçado, não se teria tampouco, a necessidade de construí-los.(...)(Nora, 1985, p.13)*

O Auto da Liberdade enquanto (re)encenação do passado pode ser visto como um ato de memória, como tentativa de impor interpretações do passado, formar a memória coletiva e assim construir uma identidade social, mas deve também ser compreendido enquanto produtor de sentidos, através das transmissões de memórias que na maioria dos casos são registrados por rituais de comemorações.

Dentro dessa perspectiva é possível compreender o Auto da Liberdade como um evento cujo objetivo principal é assegurar ao povo mossoroense uma participação ativa no cotidiano e na História de sua cidade, enquanto membros desse país, calcados nos ideais de liberdade, coragem e pioneirismos, a "Terra da Liberdade" conclama seus cidadãos para "Celebrarem e Liberdade", na "Festa da Liberdade" que marca todo o mês de setembro com eventos que comemoram uma identidade mossoroense. Esses discursos se cruzam e se refletem na elaboração da identidade de um povo, na mentalidade desse povo.

A grandiosidade da festa se efetiva nas grandes mobilizações que estão por trás do espetáculo, a grande quantidade de atores envolvidos, a participação do poder político local, a geografia do local sofre alterações, diretores de renome nacional são contratados para dirigir o espetáculo, o figurino é chamativo e muito bem trabalhado, atrações musicais completam o espetáculo inspirado no texto do escritor cordelista Crispriano Neto.

As imagens desse espetáculo desempenham um papel fundamental na

produção simbólica de uma identidade mossoroense, seja através da mídia, dos convites televisivos, com o chamado para “Celebrar a Liberdade” na “Terra da Liberdade”, elas podem ser compreendidas enquanto artefatos para a produção de um espaço específico, espaço esse que com o uso da memória e da História produz um sentido para seus membros, de serem sujeitos de uma história que deve ser celebrada constantemente. Ocorrendo a produção de um espaço através das imagens, que constrói sentidos para a população local.

Além de festejar, o ensino da História Local também faz parte dessa festa, que enquanto espaço que congrega lembranças e produz sentidos também ensina o povo de Mossoró a importância do seu passado, essa proposta é associada à legitimação do ideal de que a família rosado tem a grande importância de ser "guardiã dessa História" é o que poderíamos chamar de espetacularização da História e sua materialização no cotidiano, é a construção de uma “verdade histórica”, calcada no discurso da (re)afirmação e resistência.

Assim sendo o Auto da Liberdade vai transmitir uma memória, que se encontra preservada e reproduzível através de artefatos simbólicos e materiais que mantêm a população mossoroense ligada ao seu passado, onde o grupo político familiar, que detém a organização desse espetáculo a utiliza para suas finalidades mais diversas, conseguindo instituir um ideal de identidade que lhe assegura ainda hoje a manutenção de seus certos poderes e privilégios.

No que se refere ao espaço podemos compreender Mossoró enquanto construção, refletindo culturas e relações sócio políticas-culturais específicas, cujas imagens que temos são produtos de ações humanas que visam atender uma determinada função, que no caso específico é a criação da identidade mossoroense, compreender esse dinâmica sócio espacial é fundamental para a denaturalização de significações cristalizadas na mentalidade do povo mossoroense e perceber o espaço e o cotidiano a partir dos discursos e suas representações.

Logo o espaço é um meio essencial para a transmissão de memórias, quando colocamos figuras que queremos lembrar em locais importantes, como por exemplo no Auto da Liberdade e assim grupos se tornam mais “destacados” mais "visíveis" na celebração do passado da cidade, ocorre uma valorização de uma identidade coletiva,

baseada em escolhas específicas, com feitos escolhidos para serem celebrados e dignos de representar a população mossoroense. Compreender a importância desse espaço para a cristalização de determinados valores, como a "idéia da identidade mossoroense" é fundamental também para sua contestação e subversão.

O que buscamos nessa pesquisa é assumir o Auto da Liberdade como uma produção discursiva que realiza uma passagem da memória para a história, atualizando sentidos, provocando uma adesão simbólica de seus membros na identificação com a sua História Local, refletindo na produção de uma identidade cujo passado é a essência". Essa identificação do sujeito com sua História e com sua cidade deve ser compreendido como um jogo de negociações entre os sentimentos de pertencimentos, pois a sociedade contemporânea tem seus referenciais identitários constantemente mudados, portanto a experiência subjetiva, transformada em parte da representação de si próprio como sujeito de uma comunidade é uma leitura subjetiva em cada sujeito, em cada cidadão mossoroense.

Esse evento já vem se tornando "tradição" para a população, cuja necessidade de preservação de uma memória, foi instituído em um momento específico da história de Mossoró, e busca através dos aparatos culturais simbólicos consolidar uma identidade local através da força da empatia. Assim sendo devemos utilizar para essa pesquisa o conceito de Identidade proposto por Stuart Hall em seu livro "Identidades Culturais na Pós Modernidade" em que ele compreende as identidades como longe de ser um conceito fechado mas sim enquanto relacionalmente construído. Assim segundo Hall baseados nas ideias de Freud *a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momentos do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está "em processo" sempre "sendo formada"*(HALL, 2006, p.38).

Podemos então compreender que a identidade do que é ser mossoroense não emerge no momento de seu nascimento, mas vai sendo a cada dia construída pelas mais diversas práticas, da relação do sujeito com o outro e na negociação com seu inconsciente, o Auto vem a colaborar para ampliação dessa "montagem", dessa identidade. Vem a fortalecer essas identidades frente ao caos gerando na modernidade tardia, onde segundo Hall *com os efeitos da globalização essas identidades locais*



*tendem a se fortalecer e até mesmo produzir novas identidades através da hibridização cultural* (Hall, 2006 p.84).

Enquanto discurso, o Auto da Liberdade pode ser compreendido à luz do pensamento do Professor Durval Muniz em que ele não representa a verdade sobre uma região, mas sim como monumentos de sua “construção”. *Nese sentido podemos entender que a elaboração da região se dá no plano cultural, mas do que no político, ou seja há trabalho com a memória, na busca e organização de lembranças, no passado legando resultados que acabam por constituir uma identidade de um determinado espaço.* (Albuquerque, 2009, p.46).

Durval diz também que há um esforço na elaboração de uma memória social, cultural e artística que pudesse *servir de base a* instituição da "região-construção" de uma totalidade estática que busca elementos que se localizassem e que fossem garantidores da identidade, do espaço e da fixação deste olhar e dizer "nordestino", que no caso em questão o "mossoroense". Para ele os fatos históricos e principalmente, os de ordem cultural, marcariam sua origem e desenvolvimentos desta identidade regional. A invenção da tradição é a garantia de perpetuação de privilégios e lugares sociais. Poderes que permeiam a prática discursiva.

Compreender o Auto da Liberdade enquanto um discurso que colabora para a produção de uma identidade mossoroense nos permite utilizar a ferramenta de análise e interpretação dos discursos, servindo para problematizar o que é ser mossoroense, buscando sua historicidade no campo das práticas e discursos. Ele se materializa em vários campos como por exemplo o Auto da Liberdade, produzindo sentidos. *O discurso tem sempre uma materialidade, composta de uma memória e história, eles transitam pelo tempo e espaço, nos enredam e nos constituem. Para Foucault o sujeito foi constituído por práticas discursivas e enredado por histórias, ele não passa de uma posição discursiva.*(Foucault, 1986)

O espaço pode ser compreendido como um dispositivo de produção do sujeito, no texto “Outros espaço” Foucault faz uma reflexão de como o espaço produz subjetividades, pois experiências espaciais que certos lugares nos oferecem tem o poder de deslocar e transportar subjetividades.

O Auto da Liberdade é um lugar construído pelo jogo das identidades que o espaço, história e memória propõe ao sujeito participar, elas colocam o sujeito em um tempo e espaço construídos para que as identidades também sejam construídas, é uma forma de produzir sentidos e identidades. Podemos compreender o Auto como um gerador de múltiplas significações, articulador de memórias e cujas imagens transpostas no espetáculo teatral exerce influência ímpar no sujeito que busca os mais variados efeitos de sentidos pelo código espacial.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A cidade de Mossoró toma para si o título de Capital Cultural do Rio Grande do Norte, a " Terra da Liberdade", que detém entre outros eventos culturais, o espetáculo teatral Auto da Liberdade. Nesse texto procurei mostrar os desdobramentos em relação ao espaço e identidade, a partir das imagens que esse evento utiliza, imagens que idealizam um povo e sua cidade. Esse "ideal mossoroense" pôde ser compreendido como produto de vários agentes, seja cultural ou político, assegurado pelo Auto da Liberdade. Assim sendo, esta pequena reflexão nos permitiu compreender como uma cidade que se intitula um país tem sua produção identitária culturalmente definida, onde o Auto da Liberdade desempenha um papel grandioso nessa construção, materialização e celebração desta identidade, através da sua história local, que ganha contornos culturais e simbolicamente é instituída na mentalidade do povo mossoroense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes* (4 edição revisada). 4. ed. São Paulo/ Recife: Cortez/ Massangana, 2009. v. 2.000.

ALVES BEZERRA, A.C. *Festa e Cidade: entrelacamentos e proximidades*. In: Espaço e Cultura, UERJ- n. 23 (jan/jun. 2008), Rio de Janeiro: UERJ, 2008, p. 7 a 18.

FELIPE, J. L. A. *Festa e Poder Político*. In: Espaço e Cultura, UERJ- n. 23 (jan/jun. 2008), Rio de Janeiro: UERJ, 2008, p. 43-52.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora. 11ed. 2006.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).